



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRECTOR: A. JESUS RAMOS
ANO XCIV | N.º 4589 | 10 DE MARÇO DE 2016



ESCATOLOGIA, MILERANISMO E UTOPIA

Reflexão de Manuel Augusto Rodrigues no 5.º centenário da “Utopia” de São Tomás More
> Página 7



APÓS O CONSISTÓRIO DO DIA 15 DE MARÇO VATICANO VAI ANUNCIAR DATA DA CANONIZAÇÃO DE MADRE TERESA

O Colégio dos Cardeais reúne em consistório, do dia 15 de março, sob a presidência do Papa Francisco e vai votar 5 causas de canonização, entre as quais Madre Teresa de Calcuta.

BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SANTUÁRIO DE FÁTIMA INAUGURA NOVO ÓRGÃO DIA 20 DE MARÇO

Com a estreia mundial da peça *Hû yeshûphekâ rô'sh*, de João Pedro Oliveira, num concerto interpretado por Olivier Latry, organista titular da Catedral de Notre-Dame de Paris.



ENFOQUE PEDRO SANTOS

Partilha de dois momentos

Dois momentos na minha vida de capelão hospitalar. Resumo-os. Primeiro. Um enfermeiro sensibiliza-me para certa situação. Abeiro-me da pessoa, apresento-me, digo-lhe que gostava de falar com ela. Quando e como ela quisesse, se aceitasse. Acede.

Os primeiros minutos foram de um grande silêncio. Ensurdecador, diria. Para não forçar digo-lhe que esteja à vontade. Eu não tenho pressa. Finalmente inunda-me com o seu gigantesco caudal de sofrimento. Tudo e todos contra essa pessoa. Ela é que não cedeu na sua consciência. Até que desabou. Por isso estava ali. Concluiu a sua história rematando:

- Sou uma pessoa muito má, criminosa.
- Não diria o mesmo. Sinto que na sua situação não seria capaz de tanta coragem e luta. Eu não faria melhor.

- E Deus, que dirá hoje? Será que tenho perdão? Posso ainda refazer a minha vida? Há ainda esperança para mim?

- Deus é Pai de misericórdia. O Filho perdido regressou e o pai acolheu-o abraçou-o e deu-lhe mais uma oportunidade. Ele não o condena e está muito feliz por estar vivo e a querer caminhar.

A conversa prolongou-se. O drama ao fim de algumas semanas esvaziou-se. Visitou-me recentemente. Com o seu problema resolvido. Junto vinha o seu ente querido, aquele que jamais julgou ser possível abraçar e tocar. A escuta, a compreensão e o perdão de Deus fizeram o milagre.

Morte de uma menina. Bela, simpática, feliz, como quase todas as crianças. No funeral a mãe lê S. Paulo - Bem sabemos que esta vida é passageira. A avó canta o salmo - Na presença dos anjos eu vos louvarei, Senhor. O evangelho diz-nos que o mistério do reino é revelado aos pequeninos. Homília.

“Não chorem. A menina já chorou muito. Pais e família também. O mesmo com amigos e profissionais de saúde. Não chorem.

Esta menina, que sempre lutou pela vida, disse um dia ao pai: -“Não tenho medo de morrer. Vou para o céu. Lá vou tomar conta de vós”. Por isso estamos, em especial os pais e mano, muito orgulhosos dela. Foi um anjo que tocou as nossas vidas.

Ela foi uma prenda. (Era dia de Reis). A melhor que Deus empresta aos pais. A melhor que estes pais colocam no seio de Deus.

Valeu a pena? O poeta diz que tudo vale a pena quando a alma não é pequena. O profeta vê mais longe - Tudo concorre para o bem daqueles que amam o Senhor. 11 kg de ouro valem mais que 100 mil toneladas de lixo.

Perdemos o nosso anjo? Fisicamente, sim. Espiritualmente, não. O seu sorriso, a sua traquinice, a sua rabujice (com dor), tudo, e foi muito o que nos deu, nunca. Olha, hoje estás nesse dias maus, não é?! , dirijo-me para ela.

Finalmente a pergunta que ouço sempre: porquê? Não podia Deus fazer as coisas diferentes? Não sou Deus. Sei é que a vida dela despertou nesta multidão, que aqui está dentro do templo e lá fora, uma gigantesca onda de ternura, de solidariedade, de humanidade que poucos de nós conseguimos.

Obrigado Senhor, pela maravilha da vida, pela vida desta menina. Que ela junto de ti seja anjo de todos nós em especial dos seus pais e mano maravilhosos”.

A serenidade, a paz impôs-se naturalmente a todos. Porque um anjo tocou as nossas vidas.

O hospital como “terreno pastoral”



Ao momento da saída deste número do *Correio*, decorre no Centro Hospitalar Universitário de Coimbra um Simpósio sobre “compaixão”, sob o título “Sem dias de solidão”, promovido pelo Serviço de Assistência Religiosa e Espiritual deste centro hospitalar, em cooperação com outras entidades ligadas ao mundo da saúde. Provocados por este Simpósio, tomámos por oportuno ouvir o testemunho de alguns capelães hospitalares católicos na primeira pessoa. > centrais

2 Diocese

DIA DO PAI: “SER PAI HOJE... POSSÍVEL OU IMPOSSÍVEL!”.
Iniciativa do Secretariado da Família sobre o papel do pai na família, com Fernando Raimundo e Manuel Cabral
loja FNAC, Fórum Coimbra, Santa Clara, dia 19 de março, 15h00



Instituto Universitário Justiça e Paz
Tomou posse nova Direção
O Instituto Universitário Justiça e Paz tem uma nova Direção, que tomou posse na quarta feira, 9 de março, de que fazem parte o Pe. Paulo Jorge Oliveira Simões (Presidente), o Diácono Luís Henrique Ramos da Silva Loulé, João Albertino de Matos Pereira Marujo, João Manuel de Sá Campos Gil, Maria Constança Mendes Pinheiro da Providência Santarém e Costa.

Instituto Secular das Cooperadoras da Família Cinquentenário da morte de Mons. Alves Brás
A família Blasiana, na continuidade do cinquentenário da morte do seu fundador, vai no dia 13 de março, pelas 12 horas, celebrar uma eucaristia de acção de graças e de louvor na igreja de Santo António dos Olivais. No fim da celebração será apresentado um filme sobre o fundador do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, Pe. Joaquim Alves Brás e a Obra de Santa Zita. São muitos os serviços que as Cooperadoras da Famílias prestam hoje à sociedade através do Movimento Por um Lar Cristão, o Centro de Cooperação Familiar, a Fundação Mons. Alves Brás – Escola Profissional Agentes de Serviço e Apoio Social, Jovens Focos de Esperança e o Jornal da Família...

Renúncia Quaresmal
Reverte para o Seminário e para a formação sacerdotal
De acordo com a Mensagem do Senhor Bispo para a Quaresma, o produto da nossa renúncia quaresmal deste ano destina-se à formação sacerdotal e ao nosso Seminário Diocesano que comemora os 250 anos da sua fundação.

Movimento da Mensagem de Fátima
Retiro para doentes em Fátima
O Santuário de Fátima, em colaboração com o Movimento da Mensagem de Fátima, vai realizar um retiro para doentes e deficientes físicos. O retiro realizar-se-á de 30 de maio a 2 de junho na Casa de Nossa Senhora das Dores (ao lado da Capelinha das Aparições). O Santuário oferece gratuitamente a alimentação e o alojamento. O Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima faz saber que na equipa de apoio vai um médico e enfermeiros. Os interessados deverão inscrever-se nos secretariados paroquiais do movimento o quanto antes.

EM MAIO DE 2017 Coimbra quer receber o Papa Francisco

Têm sido vários os organismos da região centro, sobretudo ligados à cultura e à economia, que têm manifestado o desejo de ver o Papa Francisco em Coimbra aquando da sua expetável visita a Portugal, em 2017, por ocasião do centenário das aparições de Fátima. Alguns desses organismos têm mesmo dirigido convites ao Papa nesse sentido, naturalmente através do Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, que os tem feito chegar a Roma por via da Nunciatura Apostólica. Os motivos evocados

para justificar esta visita variam, conforme o ambiente de cada organismo, mas ressalta como elemento comum a enorme simpatia que o Papa Francisco goza entre as forças vivas na cidade e diocese de Coimbra. Sendo a visita de Sua Santidade organizada no contexto da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Virgílio Antunes também já deu a conhecer este interesse do povo diocesano de Coimbra à Conferência Episcopal, associando-se vivamente ao mesmo.

SENHOR DOS PASSOS EM CONDEIXA Meditar com profundidade os passos da vida de Jesus



Mais uma vez a tradição do Senhor dos Passos foi cumprida em Condeixa! Para além de ser cumprida, foi certamente vivida por muitos de

para o Senhor. Este foi o desafio do Papa Francisco a toda a Igreja. Este foi também o desafio que a nossa Unidade Pastoral de Conímbriga abraçou. Este tempo de encontro com o Senhor Jesus foi uma verdadeira graça para cada um de nós e para a nossa Igreja. Os frutos deste maravilhoso momento permitiu, a muitos, meditar com profundidade, nestes passos decisivos da vida e da entrega do Senhor Jesus. Percorrermos as ruas de Condeixa e nelas fizemos memória o drama da Vida de Jesus Cristo e, também do drama das nossas vidas. O Senhor Jesus recebe a Cruz... A imagem de Cristo, vergado ao peso da sua e nossa Cruz, insistiu mais uma vez em mostrar-nos um rosto erguido, uma cabeça levantada, um olhar que se cruza com os nossos olhares, uma serenidade de quem tem a consciência de caminhar para a morte, mas que caminha confiante por saber que cumpre a vontade do Pai.

Gerimos os Seguros da sua Família:

- Saúde e Vida,
- Doenças Graves
- Multirriscos
- Acidentes Pessoais
- Acidentes de Trabalho
- Automóvel
- Responsabilidade Civil
- Poupança e Reforma

SÁ PEREIRA DO LAGO
CORRETORES DE SEGUROS

GRUPO REGO
INSURANCE SOLUTIONS

Av. Fernão de Magalhães, 136, 2º Q,
3000-171 Coimbra (Largo da Loja do Cidadão)
Tel. +351 239 851 810 - Tlm +351 918 784 648
geral@spl.pt

PEREGRINAÇÃO JUBILAR DO ANO SANTO “Que momentos como este se repitam muitas vezes”



O Arciprestado de Cantanhede realizou no dia 6 de março a sua peregrinação jubilar, com a celebração penitencial em Santa Cruz, seguida de celebração mariana na Sé Velha e passagem pela Porta Santa na Sé Nova, terminando com a Eucaristia presidida pelo Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes. Para o Padre João Pedro Silva, pároco de Cantanhede foi “uma verdadeira experiência de Arci-

prestado e de sentido de Igreja”, onde participaram centena de fiéis, correspondendo desta forma ao apelo do Senho Bispo para fazerem esta peregrinação de reconciliação, como sinal do coração misericordioso de Jesus. O padre João Pedro Silva que acompanhou a sua paróquia nesta jornada salientou o desejo que “momentos como este se repitam muitas vezes. Momentos que nos motivem à corresponsabilidade na Igreja e à missão no mundo!

TERÇA.COM Noite com a Banda Jota

O Secretariado Diocesano das Vocações continua a promover o seu Projeto “terças.com”, em que, uma vez por mês, convida “pessoas que deixaram que o mundo as questionasse sobre como viver” para uma reflexão ao estilo de workshop temático, orientado naturalmente para a problemática da decisão vocacional. Nos flyers de divulgação da iniciativa, o Secretariado faz notar que estes interlocutores “são pessoas em caminho, mas que fizeram uma opção que mudou totalmente o seu dia a dia”. Dentro deste espírito, na última terça-feira, 8 de março, com numerosa assistência, o encontro foi com a Banda Jota, uma banda nascida na diocese da Guarda, em 2003, como um projeto de música de inspiração cristã, com uma sonoridade pop-funk, e que já percorreu o país de norte a sul com concertos de evangelização, sobretudo junto dos jovens e em causas de solidariedade.

CORREIO DE COIMBRA

PROPRIEDADE
Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291 | Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETOR
A. Jesus Ramos (T.E. 94)

DIRETOR ADJUNTO
Carlos Neves (T.E. 1163)

ADMINISTRAÇÃO
Communis Missio - Instituto Diocesano de Comunicação

REDAÇÃO
A. Jesus Ramos

PAGINAÇÃO
Frederico Martins

IMPRESSÃO E EXPEDIÇÃO
FIG - Industrias Gráficas, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Correio de Coimbra - Seminário Maior de Coimbra
Rua Vandelli, 2 | 3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344

ASSINATURAS
assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO
suplemento@correiodecoimbra.pt

PREÇO DAS ASSINATURAS
Anual | 30 € Amigo | 35 €
Benfeitor | 40 € Paróquia | 20 €

TIRAGEM
5000 exemplares

COLABORADORES
Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores.

ESTATUTO EDITORIAL
www.correiodecoimbra.pt



CIRCUNDANDO O ESTÁDIO MUNICIPAL
Arciprestado de Coimbra
Urbana promove
Via Sacra na cidade
Dia 25 de março, às 21,30

Igreja a caminho 3

SEMANA SANTA E PÁSCOA NA SÉ NOVA

D. Virgílio Antunes preside às celebrações da Semana Santa

As celebrações da Semana Santa têm início no Domingo, dia 20 de março, com a celebração da “Benção de Ramos”, às 11h00, no largo da Sé Nova, seguida da celebração da missa da Paixão.

Na Quinta-feira Santa, a Missa Crismal, com a presença de todo o presbitério diocesano, será às

10,30 horas.

O Tríduo Pascal inicia-se na tarde de Quinta-feira, com a celebração da missa da Ceia do Senhor, às 18h00.

Na Sexta-feira Santa haverá, às 9h30, a recitação do Ofício de Leituras e Laudes. Às 18h00 tem lugar a celebração da Paixão do

Senhor e a Adoração da Cruz. Às 21h30, faz-se a Via-Sacra entre a entrada VIP do Estádio e S. José.

No Sábado Santo haverá, às 9h30, a recitação de Leituras e Laudes. À noite, pelas 22h00, celebra-se a Solene Vigília Pascal. É ela o ponto culminante da Semana Santa, o coração da liturgia cristã, o centro do ano litúrgico, a mais antiga e a mais rica de todas as Vigílias.

No Domingo de Páscoa, às 11h, é celebrada a Missa da Ressurreição.

Os cânticos das celebrações estão a cargo do Coro Diocesano, sob a regência do Diácono Nuno Fileno.

CURSO DE CRISTANDADE PARA SENHORAS

Novas testemunhas da força do Espírito Santo



O Bispo de Coimbra deixou, no passado domingo, uma mensagem de estímulo aos participantes do curso de senhoras que se realizou

de 2 a 6 de março na Casa da Sagrada Família, na praia de Mira. O encerramento que teve lugar no Salão de S. Tomás, no Seminário Maior de Coimbra contou

com a presença de familiares, amigos e antigos cursilhistas.

D. Virgílio Antunes pediu a cada uma das participantes que se empenhassem nas suas comunidades, de forma a enriquecer e a fazer crescer a Igreja diocesana. Que sejam testemunhas da força do Espírito Santo que viveram ao longo destes dias.

Este Cursilho foi preparado pela equipa coordenadora e a assistência espiritual esteve a cargo do Padre Orlando Henriques e do Cônego Sertório Martins.

Um cursilho de Cristandade é sempre uma vivência extraordinária e profunda, que convida a uma mudança de mentalidade, centrada em Cristo, e que nos proporciona a convivência, com os outros, de uma forma mais consciente e partilhada, em suma, mais cristã.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

Bispos publicam nota pastoral sobre a eutanásia

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal reunido na passada terça-feira, em Fátima, revelou que os bispos portugueses irão brevemente publicar uma nota pastoral sobre a eutanásia, onde

irão sublinhar a posição da Igreja contra a legalização desta prática.

Para o Conselho Permanente, o documento, que será acompanhado de um texto pedagógico, pretende justificar que “não há

outras alternativas” à preservação da vida.

Num encontro com jornalista, o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, padre Manuel Barbosa destacou o empenho da Igreja em “defender a vida no seu todo, naturalmente não aceitando a legalização da eutanásia”, e realçando “como única alternativa o amor, a proximidade e o cuidado a ter” com quem sofre, nomeadamente com o reforço dos “cuidados paliativos”.

MOVIMENTO CRIADO POR CHIARA LUBICH

Focolares celebram 50 anos de presença em Portugal

O Movimento dos Focolares, que está presente em 182 países, está assinalar 50 anos em Portugal, cujas celebrações terminam com uma concentração a 6 de novembro, em Fátima. No dia 1 de maio vai realizar uma Jornada Nacional de Jovens a ter lugar na Cidadela Arco-íris, em Alenquer.

O Movimento dos Focolares teve o seu início em 1943, na altura da Segunda Guerra Mundial. Na cidade de Trento (Norte de Itália), Chiara Lubich e as

suas primeiras companheiras descobriram que Deus é amor, em todas as circunstâncias.

Esta descoberta deu um novo rumo às suas vidas! Num cenário de destruição e de morte, decidiram escolher Deus como único ideal.

O Evangelho apresentou-lhes sob uma luz nova, com toda a sua força renovadora e sempre atual. Compreenderam que, para responder concretamente ao Amor de Deus, era preciso amá-Lo nos irmãos.

INSTITUTO DE ONCOLOGIA

Uma assistência de proximidade

Padre A. Jesus Ramos



Desde que fui designado pelo Bispo da Diocese para prestar assistência religiosa no Instituto de Oncologia (Coimbra) tive sempre em mente que, dadas as características desta unidade de saúde, deveria cultivar duas virtudes: a simplicidade e a proximidade. As duas são fundamentais para a relação com todos os que ali trabalham (médicos, enfermeiros, administrativos, auxiliares e voluntários), e sobretudo para os que procuram cura ou alívio para os seus males. E digo sobretudo porque, em qualquer unidade de saúde e mormente num hospital oncológico, os doentes são a principal razão de ser do trabalho e da dedicação de todos.

A experiência tem-me feito sentir que é preciso muita disponibilidade para saber escutar as pessoas, para ouvir as suas histórias, para nos interessarmos pelos seus problemas e pontos de vista, e também para animarmos os que começam a vacilar e a dar sinais de cansaço. O assistente religioso tem que ser sempre alguém que saiba incutir a esperança, que saiba motivar um sorriso, que seja capaz de criar um espírito de fraternidade entre os próprios doentes.

A proximidade é uma virtude que se vai aprendendo aos poucos. Numa unidade relativamente pequena (duzentas camas de internamento) consegue-se quase sempre uma visita diária aos doentes, cujos

nomes e terras de origem se vão memorizando, o que naturalmente facilita o diálogo e cria mesmo laços de alguma familiaridade. Há doentes que são internados duas, três ou várias vezes. Quando regressam, reconhecê-los, saber de onde vêm, lembrar algum contacto havido anteriormente, tudo isso são aspectos que ajudam a aproximar, a criar um ambiente de maior confiança e de maior abertura em todos os sentidos, mesmo no sentido espiritual, que não é naturalmente esquecido, embora nunca seja imposto, mas sempre delicadamente sugerido.

A proximidade consegue-se com coisas muito pequenas, como a partilha das nossas experiências de vida, a escuta atenta das experiências de vida dos doentes, ou o interesse demonstrado em conhecer os seus familiares, a sua aldeia, os costumes tradicionais, nomeadamente as festas populares. Tudo isto pode ser aproveitado para, se tal parecer oportuno, se entabular um diálogo com abertura ao transcendente, procurando mitigar assim algumas dores interiores que, sendo de natureza diferente, são tão verdadeiras e penosas como as do corpo.

Não me esqueço que a palavra proximidade tem a sua raiz no termo “próximo”. No Evangelho um homem pergunta a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. Eu, nestas circunstâncias, não me atrevo a perguntar. A resposta é evidente!

D. VIRGÍLIO EM VISITA PASTORAL

Areias, Chãos, Dornes Paio Mendes e Beco



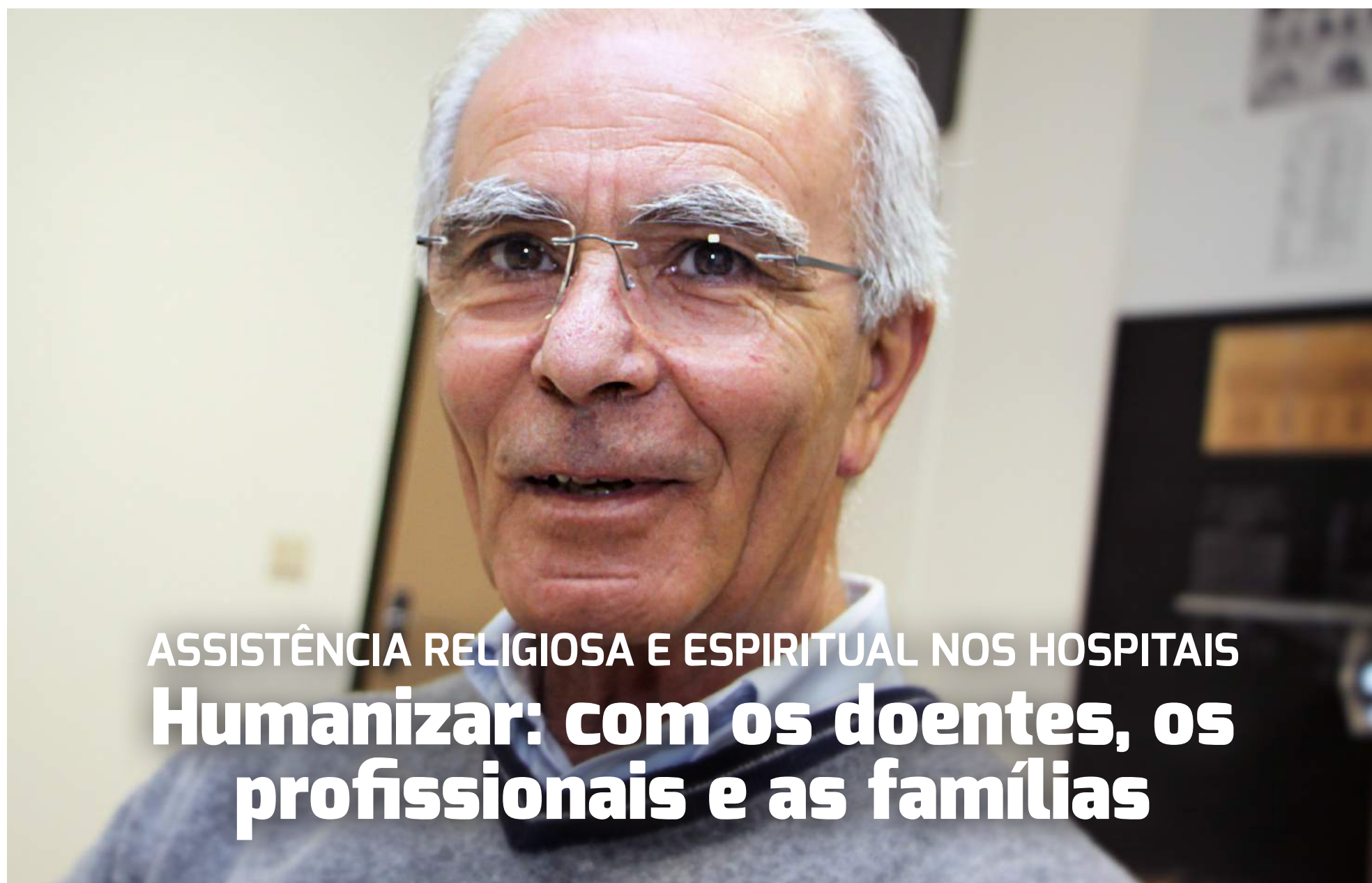
As paróquias de Areias, Beco, Chãos, Dornes e Paio Mendes receberam a Visita Pastoral de D. Virgílio Antunes nos dias 3 a 6 de março, com vivo acolhimento das entidades e gentes locais com quem o Senhor Bispo se encontrou nos muitos atos

públicos. Na homilia da missa em Dornes, na qual foram crismados 15 jovens, o Senhor Bispo, a partir da parábola do Bom Samaritano, acentuou que “Deus é o nosso Pai do Céu que, por meio de Jesus Cristo, nosso irmão, está sempre disposto a perdoar-nos”.

4 Grande Plano

“A fé ou se vive na alegria, e é fonte de alegria, de uma alegria sincera, verdadeira e íntima, ou de pouco nos adianta”

(D. Virgílio Antunes, Peregrinação Jubilar de Cantanhede, 6 de março)



ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E ESPIRITUAL NOS HOSPITAIS Humanizar: com os doentes, os profissionais e as famílias

O Correio traz a este número o testemunho de cinco capelães católicos do Serviço de Assistência Religiosa e Espiritual nos Hospitais: em entrevista, o testemunho do Padre José António, coordenador do serviço no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra; Em “enfoque”, o do Padre Pedro Santos e à, direita, o do Padre Luís Francisco e da Irmã Inês Vasconcelos, todos da mesma Equipa do CHUC; na página 3, ainda o testemunho do Padre Jesus Ramos, do Instituto de Oncologia de Coimbra.

CORREIO DE COIMBRA

Qual o papel do serviço de assistência religiosa e espiritual em meio hospitalar?

JOSÉ ANTÓNIO

Em primeiro lugar, humanizar; em segundo, humanizar; em terceiro, humanizar; em quarto lugar, evangelizar; em quinto, sacramentar. Humanizar, tendo em conta a pessoa de cada doente, a sua identidade religiosa, e quem não tem religião... É uma questão de humanização, porque os doentes que estão hospitalizados têm direito a ser atendidos, seja por que assistente for, tenham a religião que tiverem. Ainda não chegámos ao ponto – e seria bom que pudéssemos chegar – de termos pessoas pertencentes ao serviço de assistência espiritual e religiosa dos Hospitais sem confissão religiosa alguma, *tout court*. Pode ser que um dia consigamos concretizar isto, pessoas que se preparem, que se formem para ser assistentes espirituais, sem estarem adstritos a alguma religião. Nota que toda a nossa ação está regulamentada pelo Dec. Lei

253, 2009, de 23 de setembro, que tem em conta a diversidade e a pluralidade do país em que vivemos. A Igreja Católica tem, diria, um papel mais responsável, porque somos a maioria no país. Mas o serviço não está adstrito só à Igreja Católica; todas as confissões religiosas têm lugar nos hospitais. Além disso, não estamos aqui só para os doentes. Estamos também, e muito, para os profissionais. Também eles precisam de acompanhamento, de ajuda, de um ambiente de humanização. E estamos para os familiares dos doentes, que nos procuram para conversar, para se sentirem apoiados, para serem ajudados. Depois, humanizando estou a evangelizar. O Evangelho é isso mesmo! Quanto ao “sacramentar”, talvez seja a parte mais complicada, porque muita gente vê a presença do padre ou do assistente espiritual para “dar sacramentos”, e concretamente o sacramento da Unção. Mas se não existe a parte anterior do humanizar e evangelizar, o sacramentar aparece como algo, perdoe-se-me a expressão, que

“cai do céu aos trambolhões”. Aqui, no Hospital, o sacramento da unção dos doentes tem que ser dado com consentimento informado, ou seja, com o doente consciente, sendo o doente a pedir o sacramento. A família pode, naturalmente, lembrá-lo; mas nunca, nunca, só por vontade da família; tem que ser da vontade do doente. Diria que a parte do sacramentar é a mínima do nosso trabalho, embora haja muitos doentes que pedem o sacramento da Unção e também familiares que o pedem quando o doente já está inconsciente. Mas esse pedido devia ser sempre com o doente consciente, porque a Unção é um sacramento de vivos, não de mortos.

O vosso trabalho é bem acolhido no meio hospitalar?

Neste Hospital, em concreto, a assistência espiritual não é mal vista, antes pelo contrário. Nós, praticamente, já trabalhamos 11/12 horas por dia e se tivéssemos mais tempo, mais tempo poderíamos estar aqui, porque as pessoas vão vendo, procurando, falando, pedindo ajuda; temos

mesmo pessoas de fora que vêm aqui, por exemplo às nossas celebrações, pelo ambiente, pela mensagem que procuramos que seja atualizada e dirigida à sua vida concreta. As nossas celebrações do domingo são também um momento de cura para quem aqui está doente. Essa é a nossa missão: nós estamos aqui para curar, no sentido global desta palavra, em tudo o que ela tem de belo e maravilhoso. Por isso, por aquilo que vejo, a nossa presença é querida neste Hospital.

“Nós”, significa uma equipa...

Nos CHUC, temos uma equipa da Igreja Católica (eu, o Pe Luís, o Pe. Pedro e a Irmã Inês) e temos também membros de outras religiões. Fazemos uma escala comum todos os meses, publicada no Boletim da Direção e enviada por email para todos os funcionários do Hospital, de modo que as pessoas sabem quem está, quando está, se estamos de chamada de noite (cada um de nós tem 10 noites de chamada por mês). Mas permite-me sublinhar o trabalho muito interessante que temos feito com as outras re-

ligiões, protestantes, evangélicos, também um membro da comunidade islâmica. Temo-nos dado bem, como irmãos que somos mesmo. Eles também pertencem à escala de presença durante o dia e à escala noturna.

Uma palavra sobre o simpósio, que está precisamente hoje a decorrer

Sob o título “Sem dias de solidão”, é um simpósio sobre a compaixão, no contexto do ano da Misericórdia. É um simpósio bastante prático. Temos até uma novidade que é a compaixão nas terapias de terceira geração a nível psiquiátrico, e também dos psicólogos. A psiquiatria está a descobrir a compaixão. Julgávamos que era um termo apenas da Igreja, mas não; a psiquiatria está a descobrir que a compaixão cura, a compaixão no verdadeiro sentido, não o ter pena ou dó, mas o de sofrer com, sem, claro, entrar eu próprio, que sou o curador ou cuidador, em *burn-out*. Os simpósios, como este, que temos promovido têm tido também sempre muito bom acolhimento.

“Ainda há muitas pessoas que vivem uma religiosidade baseada no medo de Deus, quando a Palavra da Escritura nos diz que não há nada a temer, só há a confiar, porque Ele é Pai de Misericórdia”

(D. Virgílio Antunes, Areias, 6 de março)

Destaque 5



OS ÚLTIMOS SÃO OS PRIMEIROS

Expetativas e sensações de cinco meses como Assistente Espiritual Hospitalar

Luís Francisco

Parar e pensar expetativas equivale a olhar ‘para dentro’, procurando perscrutar aquilo que mais íntima e identitariamente nos pode mover e (fazer) ‘revolver’. As expetativas não são ‘pré-programas’, mas motivações de fundo que nos ‘impulsionam’ de modo mais ou menos impercetível. Reconstruindo fios desta história recente, em que num dia estava numa missão (*pároco*), no outro dia surpreendentemente noutra, com acréscimo de surpresa (*assistente espiritual hospitalar*), isolo três ancoragens basilares - uma *espiritual*, outra *eclesial* e outra *humana*. No meio das alegrias e tristezas, dos talentos e das fragilidades, das virtudes e das incoerências, encontro a presença de Jesus que chama e envia. É o seu rosto que sinto *po bremente* ter de ensaiar tornar presente. Daí que a vida se guie pelo Mistério e pela confiança, entre a experiência do instante e a ânsia da plenitude (*ancoragem espiritual*). Este chamamento, sem dramas ou estéreis discussões, é mediado pela Igreja Local, na voz, pessoa e ministério concretos do seu Bispo, também ele concreto. Obedecer, neste quadro, é um compromisso partilhado por quem envia e quem é enviado. É em nome da Igreja Diocesana que me sinto, como servidor desta casa que é o Hospital. (*ancoragem eclesial*). As ‘periferias’ que sofrem são pessoas reais, opção preferencial do Evangelho de Jesus, onde a virtualidade nunca é o desejável fermento transformador. É a humanização dos doentes (*primeiramente*) e dos cuidadores (*familiares e profissionais*) que intuo ser tarefa decisiva e fundante de tudo o resto que possa (vir a) acontecer, mas que não sinto que deva ser, por agora, fator de dispersão (*ancoragem humana*). Na minha perspetiva e expetativa, a fé une tudo isto. Parto assim e daqui, tentan-

do viver feliz...

Em cinco meses tornou-se nítida a convicção de que o hospital não se percebe ‘de fora’. Nem sequer se imagina. Ou imagina-se mal! A surpresa é, agora, maior. Mas mais desafiante. Por vezes, sinto-me a viver, além de numa periferia existencial, num ‘guetto pastoral’. As razões de tal, se alguma razão me assistir, não são nunca unilaterais e evidenciam apenas o caminho que temos, todos os agentes envolvidos - mais na linha da frente ou mais na retaguarda - que percorrer. Sinto desejo de trilhar esse caminho e preenche-me a convicção de que ele vai acontecer, neste ‘lugar’ decisivo para a identidade específica de uma Igreja que quer estar nesta cidade.

Cheguei com mais olhos e ouvidos e com menos boca. Mais do que ‘práticas’ estas linhas servem-me para traçar (boas) sensações que sinto que se agudizaram em mim nestes últimos tempos. Elenco novamente três: o sentido da *fraternidade pasto-*

Em cinco meses tornou-se nítida a convicção de que o hospital não se percebe ‘de fora’. Nem sequer se imagina. Ou imagina-se mal! A surpresa é, agora, maior. Mas mais desafiante. Por vezes, sinto-me a viver, além de numa periferia existencial, num ‘guetto pastoral’.

ral; o alargamento do conceito, da prática e do conteúdo pastoral; a experiência de uma casa como ‘terreno pastoral’, distinta do exercício do ministério em dispersão territorial.

O acolhimento numa equipa revela-se decisivo. Nas pessoas do P. José António e da Irmã Inês concretiza-se a experiência

da amizade em crescimento e a possibilidade do confronto positivo em função de um bem maior. São rosto de outras presenças, que vou descobrindo como importantes. É a comunhão presbiteral descontraída, enriquecida pela sensibilidade e pelo carisma feminino. Só pelo facto de existir, considero esta equipa um sinal, para nós e para quem servimos.

Chego todas as manhãs ao hospital leve, depois de um sono sereno, e disponível para a surpresa que o dia sempre reserva. Não trago esquemas, receitas ou programas. Ter mudado o registo de trabalho convida a mais olhos e ouvidos e a menos boca. A segurar a mão e a tocar, em silêncio muitas vezes. Vestir a bata e partir em busca de conhecidos e desconhecidos, em quilómetros semanais de chão e degraus, tem-me alargado os horizontes do ministério e tem-me feito sentir útil e realizado. As palavras podem ser as menos óbvias e as mais heterodoxas, mas isso não é essencial. Nem eu o soul! Ajudar a humanizar as vidas de quem sofre, creio mesmo que tem humanizado o padre, que não olha para vida (sua, dos seus e dos outros) de maneira igual.

Por fim, o Hospital é uma casa que já vou sentindo como minha, nas riquezas que lhe descubro e nas limitações que o meu espírito crítico lhe aponta. É uma casa imensa, mas que suspira e que provoca relações verdadeiramente humanas e que, em razão disso, são verdadeiramente cristãs. Nesta linha da presença o pouco e o simples são contributos que fazem mesmo diferença. Não me sinto hóspede, mas (já) modestamente protagonista deste lugar que me tem feito tocar ‘periferias’ que não são uma teoria, mas pessoas que sou desafiado a viver como irmãos. Neste sentido, contribuir para a construção da casa onde vivo a esmagadora maioria das horas do dia tem sido mais implicativo do que servir espaços territoriais, por onde, por vezes, passei sem habitar. Procuro ir agradecendo e celebrando essa possibilidade.

HOSPITAL - UM LUGAR TEOLÓGICO

As fímbrias mais íntimas da dor

Irmã Inês Vasconcelos, SNSF



Em Ano da Misericórdia é-me grato falar da missão de Assistente espiritual, que exerço desde o dia 1 de Junho de 2007, no Hospital da Universidade de Coimbra, espaço singular para exercitar ternura e misericórdia.

É uma missão que considero tão bela quanto dolorosa, sentindo que, numa perspectiva Pastoral, trabalhar, no mundo da saúde, é um desafio que não dá tréguas e, por isso, preciso muito de parar e orar.

Conquanto sejam passados quase 9 anos de consagração neste mister de assistência aos doentes, aos seus familiares e aos próprios profissionais de saúde, sinto-me sempre a recomçar. Cada doente, cada pessoa, cada situação é sempre inédita e, em algumas situações, assalta-me a perplexidade de se terei agido de modo conveniente.

É quase sempre imprevisível a abordagem do outro, a relação em diálogo entre um «eu» e um «tu», o face-a-face com alguém que encontro pela primeira vez.

Qual Moisés ante a sarça-ardente, (cf. Ex 3,5) ao aproximar-me de alguém que sofre e desconheço preciso de “retirar as sandálias”, “desnudar-me” porque “o lugar que piso (a pessoa) é uma terra sagrada”, que não posso invadir, pelo que a minha presença deve pautar-se pela delicadeza de «andar» no interior do outro com a sensação de que estou dentro do meu pró-prio «eu».

Só posso ser “o murmúrio de uma brisa suave”, (cf. I Reis 19,12) numa escuta silenciosa e afável, simples e alegre, que possa suscitar empatia e confiança.

Escutar é a minha primeira missão e a dignidade e bem-estar da pessoa, na sua dimensão holística, é a meta de todo o meu agir.

Face às múltiplas missões que já exerci, como Serva de Nossa Senhora de Fátima, reconheço que esta é muito especial. O trabalho num hospital é muito diferente do efectuado em outra qualquer comunidade.

O Hospital é uma espécie de paróquia sem território e sem

um credo que a defina. Por aqui passam crentes e não crentes; pessoas muito diversas, a nível de educação, de cultura cívica e religiosa, uma comunidade insólita, mas que não deixa de afirmar a sua presença.

Aqui se tocam as fímbrias mais íntimas da dor e do sofrimento. É assim que o hospital se transforma num lugar teológico, propício a ajudar a pessoa que sofre a encontrar um sentido novo para a sua vida.

Não me preocupo em falar de religião. O ser quem sou já fala de Deus e, nos momentos difíceis, quem sofre precisa muito mais da nossa empatia do que da nossa teologia.

Costumo dizer que não visito crentes, mas doentes, sendo que, alguns são crentes, outros descrentes ou mesmo agnósticos. O que conta é a pessoa.

Tenho singular devoção ao «Sacramento da Presença», embora sem deixar de ter em conta as outras dimensões sacramentais.

Considero que o facto de ser mulher traz à equipa do SAER uma complementaridade de missão muito rica e libertadora. É o tal rosto materno de Deus que procuro comunicar. Tenho consciência de que o meu desempenho é uma ínfima gota de bálsamo, no oceano imenso de sofrimento que este Hospital acolhe, mas nesta gota coloco toda a energia do meu amor, o mais genuíno do meu sorriso, a alegria por estar e fazer o que faço, todo o carinho e dedicação de que sou capaz.

A palavra final é de agradecimento por quanto aufero da amizade e heroísmo dos doentes, dos seus familiares e dos profissionais de saúde. A todos devo o desafio de recomçar, cada manhã, com alegria e gratidão.

PUB

www. **centro tv** .pt

O seu mundo como nunca o viu!

899300



6 Liturgia

MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA
Celebração do Dia Diocesano do Doente com a recitação do rosário, confissões, adoração ao Santíssimo e celebração da eucaristia
Sé Nova e S. José, dia 12 de março



Palavra de Deus

DOMINGO DE RAMOS
20 de março de 2016



EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS (RAMOS) Lc 19, 28-40
Jesus seguia à frente dos seus discípulos, subindo para Jerusalém. Quando Se aproximou de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras, enviou dois discípulos e disse-lhes: «Ide à povoação que está em frente e, ao entrardes nela, encontrareis um jumentinho preso, que ainda ninguém montou. Soltai-o e trazei-o. Se alguém perguntar porque o soltais, respondereis: ‘O Senhor precisa dele’». Os enviados partiram e encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito. Quando estavam a soltar o jumentinho, os donos perguntaram: «Porque soltais o jumentinho?». Eles responderam: «O Senhor precisa dele». Então levaram-no a Jesus e, lançando as capas sobre o jumentinho, fizeram montar Jesus. Enquanto Jesus caminhava, o povo estendia as suas capas no caminho. Estando já próximo da descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos começou a louvar alegremente a Deus em alta voz por todos os milagres que tinham visto, dizendo: «Bendito o Rei que vem em nome do Senhor. Paz no Céu e glória nas alturas!». Alguns fariseus disseram a Jesus, do meio da multidão: «Mestre, repreende os teus discípulos». Mas Jesus respondeu: «Eu vos digo: se eles se calarem, clamarão as pedras».

LEITURA DO LIVRO DE ISAÍAS Is. 50, 4-7
O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 21
Refrão: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?

LEITURA DA EPISTOLA AOS FILIPENSES Filip 2, 6-11
Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

ACLAMAÇÃO ANTES DO EVANGELHO FILIP 2, 8-9
Cristo obedeceu até à morte e morte de cruz.
Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS Lc 22, 14 – 23, 56



PROCISSÃO
Meninos hebreus | CEC | 98
As crianças de Jerusalém | CEC | 99
Glória, honra e louvor | CEC | 100
Bendito o que vem | CEC | 101

ENTRADA
Hossana ao Filho de David | CEC | 95
Jesus nossa redenção | NCT 496
O estandarte da Cruz | NCT 502

APRESENTAÇÃO DOS DONS
Senhor, meu bom Jesus | 23 NRMS
Entregou-se ao Sacrifício | NCT 509

COMUNHÃO
Pai, se este cálice | CEC | 112 / 104
O Filho do Homem | CEC | 105
No último dia da festa | CEC | 161

SUGESTÃO DE CÂNTICOS



ESPIRITUALIDADE

As etapas da vida espiritual

Goreti Faneca, SSD

A experiência de Deus não se reduz a factos isolados, momentâneos e esporádicos, é um itinerário, um caminho de adesão e abertura ao Mistério. Os místicos utilizam a imagem de caminho para descrever o processo da experiência o qual, como todo o itinerário, passa por idades-etapas que são algo mais que um grande percurso feito ao longo da mesma estrada.

A Bíblia e os Padres da Igreja propõem como exemplo paradigmático da vida espiritual a figura de Moisés que falava com Deus como um amigo fala com o seu amigo e em cujo itinerário podem ver-se refletidas, tanto as etapas da existência humana como da vida Cristã. Moisés aparece citado, no Novo Testamento, mais de oitenta vezes incluindo momentos centrais da vida de Jesus como o da transfiguração (Lc 9,30-33) e o dos discípulos de Emaús (Lc 24,27) o que quer dizer que, para conhecer verdadeiramente Jesus, para chegar ao perfeito conhecimento de Cristo e à plena maturidade, (Col 2,9-10; Ef

3, 19; 4,15) é preciso familiarizar-se com a pessoa de Moisés. É preciso fazer o mesmo caminho que Deus o fez percorrer a ele.

O livro dos atos dos apóstolos no discurso de Estevão perante o Sinédrio (At 7, 20-34) apresenta a vida de Moisés em três etapas de quarenta anos cada uma:

a) At 7,23 diz que “quando completou a idade de quarenta anos, veio-lhe ao coração o desejo de visitar os seus irmãos, os filhos de Israel”;

b) At 7,30 “passados quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo na chama de uma sarça que ardia”;

c) At 7,36 conclui que ele fez sair os Israelitas “operando prodígios e milagres na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos”.

O próprio Moisés estando já para morrer, diz no livro de Deuteronomio “Eu tenho cento e vinte anos” (Dt 31, 2; cf.34,7). Portanto, segundo esta riquíssima tradição Bíblica, a longa vida de Moisés divide-se em três etapas:

a) quarenta anos no Egito na corte do Faraó;

b) quarenta anos de desterro na terra de Madian;

c) quarenta anos de travessia pelo deserto a caminho da terra prometida.

Quarenta – quantidade que inclui o número 4, simbolicamente representando os quatro pontos cardiais, o mundo inteiro, multiplicado por 10, número que indica a perfeição divina – é um número cheio de simbolismo. Ao afirmar que passou por três etapas de quarenta anos quer dizer que cada uma delas tem o seu próprio significado de valor universal. Nessas etapas, cada ser humano poderá reconhecer algo de si mesmo e reler a sua própria vida, tal como é e deveria ser, diante de Deus.

Vamos ocupar-nos com elas nos próximos artigos.

Baseado no livro, La experiencia de Dios en mitad de la vida, Salvador Ros Garcia, editorial de espiritualidad



NEM SÓ DE PÃO | COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

Entregar a vida por amor

João Paulo Vaz

Deus veio ao nosso encontro! Que boa notícia e que certeza tão grande esta de um Deus que, por amor, só por amor, partilha a nossa humanidade, fazendo-Se servo de todos os homens, fazendo-Se Seu irmão mais velho, que protege, que guarda do mal, que encaminha, que salva. Jesus, esse Mistério de Amor, deixa-Se matar na cruz, para que o pecado e o egoísmo fossem vencidos. E manifesta aí a Sua majestade – é a mesma que reconhecemos na aclamação triunfal, à entrada de Jerusalém. Sem o saberem, todos aqueles que o aclamaram como Rei, à entrada de Jerusalém, estavam a aclamar o Cristo-Rei da Cruz, Aquele que entrega a Sua vida em resgate dos Seus, assumindo o castigo para o pecado dos Seus – a morte. Dá a vida, para nos livrar da morte, esse castigo eterno para o nosso pecado. É, na verdade, uma paixão, não só do processo doloroso, mas, especialmente, do processo amoroso. A Cruz, que a liturgia do Domingo de Ramos coloca no horizonte próximo de Jesus, apresenta-nos a lição suprema do amor e o último passo desse caminho de vida nova que, em Jesus, Deus nos propõe: a doação da vida por amor. Por isso Jesus Se deixa aclamar como rei – é rei todo aquele que serve por amor,

tudo aquele que só pode amar e encontra aí o verdadeiro fundamento da obediência ao projecto do Pai, como Jesus. Podemos dizer, como resumo e propósito para as nossas vidas: obediência ao Pai e serviço aos homens por amor, até ao dom da vida.

Somos convidados, no Domingo de Ramos ou da Paixão, o 6º Domingo da Quaresma, a “a contemplar a paixão e morte de Jesus: é o momento supremo de uma vida feita dom e serviço, a fim de libertar os homens de tudo aquilo que gera egoísmo e escravidão. Na cruz revela-se o amor de Deus, esse amor que não guarda nada para si, mas que se faz dom total” (<http://www.dehonianos.org>). Somos convidados a nos perdermos na contemplação desde Deus a quem o amor tornou tão frágil na morte. Jesus assumiu todos os nossos limites, sujeitou-Se a tudo aquilo a que estamos sujeitos, sentiu medo, pavor diante da perspectiva e proximidade da Sua morte... por amor. E, durante todo o processo da Paixão, diante dos insultos, da injustiça, das mentiras, da flagelação, da dor, Ele continuou a amar, só pôde amar. Ele queria para nós vida plena, reparti-la connosco e é deste Seu amor imenso que ela resulta. Condição se torna, então, amarmos assim também. Também nós havemos de assu-

mir a Cruz nas nossas vidas, ter a mesma atitude de entregar, servir por amor, solidarizarmo-nos com aqueles que são crucificados neste mundo. Aprendamos com Jesus a entregar a vida por amor. Isto pode significar que somos conduzidos à morte, mas sabemos, em Cristo, que amar como Ele é viver a partir de um dinamismo que a morte não pode vencer. E, depois da morte, virá sempre a Ressurreição.

Prestes a começar a Semana Santa, perguntemo-nos o que desejamos realmente o nosso coração. É a vida plena e definitiva, a glória de Deus, a ressurreição em Cristo que marcam os nossos passos, as nossas decisões, as nossas entregas? Amo verdadeiramente, ao ponto de entregar a minha vida, para receber a d'Ele? Que palavras tão duras e exigentes, estas!... Entregar a vida, totalmente, para a receber definitivamente e tomar parte no grupo daqueles que só podem amar... Falamos de plenitude. Quando compreendermos que a vida é muito mais do que só este tempo e este espaço a que chamamos mundo, resta-nos desejar a plenitude. Então, passaremos a rezar e a dizer ao nosso Jesus: “Quero salvar a minha vida, perdendo a minha vida; quero tomar, ganhar a vida, por perder a vida em Ti”; Senhor, faz-nos amar muito!



ANO SANTO DA MISERICÓRDIA
Peregrinação jubilar
do arcebispo
de Coimbra Norte

13 de março

Opinião



Escatologia, mileranismo e utopia

Manuel Augusto Rodrigues

Corre este ano o 5.º centenário da Utopia de São Tomás More (1478-1535), célebre humanista inglês, jurista, homem de Estado e chanceler do Reino, que viria a ser executado por se ter oposto ao divórcio de Henrique VIII. Em 1935 o Papa Pio XI canonizou More como mártir e em 2000 foi declarado por S. João Paulo II “patrono dos homens de Estado e dos políticos”. Amigo de Erasmo e profundo conhecedor das literaturas clássicas, sobretudo de Platão, escreveu o famoso livro “Tratado da melhor forma de governação”, a que deu o nome de Utopia, que foi editado em Lovaina em 1516. Entre as muitas iniciativas programadas em diversos países para evocar a efeméride, conta-se a da Universidade de Lovaina sob o título «Année Louvain des utopies pour le temps présent».

A palavra utopia é um neologismo grego criado por More para designar a sociedade ideal. O termo é composto da preposição negativa ou e do vocábulo topos que significa lugar. Utopia é pois «em nenhum lugar». Na ed. de Basileia de 1518, More utiliza também Eutopia que significa o lugar do bem. O contrário de utopia é a distopia - ou contra-utopia - que é não o melhor mas o pior. Na Renascença surgiram várias utopias que traduzem o divórcio entre as aspirações da época e as realidades do quotidiano. Já Platão na “República” falara de uma sociedade perfeita. Além de More, também Campanella e Bacon escreveram sobre este assunto, respectivamente a Cidade do Sol e a Nova Atlântida. Havia uma visão pessimista do presente que se contrapunha ao optimismo do futuro na linha da dialéctica se abatera nos meios humanísticos.

More aborda com cores bastante sombrias na primeira parte da sua Utopia a Inglaterra de então e na segunda descreve uma ilha de paz e felicidade porque todas as dificuldades políticas, económicas e religiosas haviam sido abolidas. Não havia desigualdades entre os cidadãos nem mendicidade nem vagabundagem nem roubos. Foram banidos para sempre a nobreza que arruinara o povo, os latifundiários que haviam explorado as classes mais baixas para depois se apoderarem das suas terras e também os ricos que sugaram os pobres. Muitas das teses de More foram retomadas por muitos pensadores desde Rabelais a Montesquieu e a Rousseau. O optimismo é a nota predominante nas obras escritas por esses autores.

A Utopia que ficava numa ilha contava 54 cidades e em cada uma havia 6.000 famílias que se dedicavam em especial à agricultura. A propriedade era colectiva, reinava uma igualdade total

e não havia moeda. As refeições eram tomadas em comum e durante elas fazia-se a leitura de alguns textos, concluindo-se com um momento musical. O Estado dirigia toda a vida utopiana.

Com a Utopia do humanista inglês muitos relacionaram o Paraíso ou Eden dos primórdios da humanidade e os Novos Céus e a Nova Terra do Apocalipse. Além evidentemente da abordagem literária outras há que é possível associar à obra moreana e que têm sido exploradas por diversos pensadores das áreas da filosofia, da história da Igreja, da dogmática e da ética, salvaguardadas evidentemente as diferenças e ópticas de análise. Eis alguns exemplos: a escatologia, a conceptualização teológica da utopia, as consequências sistemático-teológicas, o messianismo, o misticismo, o profetismo e o milenarismo. No vol. 34 da “Theologische Realenzyklopädie” são estudadas com grande desenvolvimento e rigor algumas das perspectivas referidas. Numa fase da história marcada por um sem número de dúvidas e incertezas, entre a secularização e as interrogações de ordem religiosa, justifica-se plenamente a análise de questões relacionadas com o presente e com o futuro. O Papa Francisco tem sido pioneiro nessa transposição do agora para o amanhã. Como escreve na “Evangelii gaudium”, o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade é mais importante do que a ideia, o todo é superior à parte (222-237), com isso significando que a causa do Reino de Deus constituindo uma unidade e um todo não pode prescindir nem do tempo nem da realidade.

Na abertura do livro dirigido por André Vauchez, “Prophètes et prophétisme” (2012) vem citado este pensamento de Balzac: «A esperança é uma memória que deseja». Especialistas consagrados estudam os diversos profetismos: o bíblico e o cristão até finais da Idade Média, da inquietação à Revolução e desta à Grande Guerra. Mais próximos de nós temos os profetismos europeus do séc. XX, sendo referidos Péguy, Claudel, o espírito de profecia, os verdadeiros e falsos profetas, os pensadores Walter Benjamin e Hillesum, a teorização elaborada por Mounier (uma nova compreensão do profetismo), Congar (teologia da profecia) e o Vaticano II como etapa charneira (1945-1975).

O Vaticano II constituiu uma viragem profunda na história da Igreja e do mundo. Teilhard de Chardin com a sua tese do nexa entre evolucionismo e esperança cristã mereceu de Congar o epíteto de profeta, um homem que abriu caminhos para o futuro. Surgiram teólogos e filósofos com outras teologias da esperan-

ça e também muitos arautos dos mais catastróficos apocalipses. Com São João XXIII demarcaram-se duas teologias: a nova e a romana. O profetismo entrou pela primeira vez na teologia como muito bem explicita P. Lathuillère, “Vatican II, fruit et ferment de prophétisme”. Só a “Dei Verbum”, entre todos os textos conciliares, contém quase um terço de citações do termo profeta. A “Lumen gentium” fala de povo de Deus que participa da função profética de Cristo. Congar trata com fundamentação bastante consistente do profetismo dos leigos em “Vraie et fausse réforme dans l’Église” e em “Jalons pour un théologie du laïc”. O papel dos homens e das mulheres na vida da Igreja é um dos problemas a urgir mais empenhamento e discernimento. O povo de Deus não é apenas a hierarquia. A sua voz tem de ser ouvida e a ascensão no desempenho de actividades apostólicas aguarda ainda da parte dos mais responsáveis uma nova atitude que passa antes de mais pela preocupação de formar e instruir em vez de retrair e excluir.

Aliás o profetismo não é um fenómeno reservado às religiões. Levinas, Heidegger, Rilke e Hölderlin, entre outros, manifestam nos seus livros o tema do profetismo. Pode colocar-se a pergunta relativa aos sinais dos tempos que apontam para o binómio: amanhã sem futuro ou futuro sem amanhã. E não se pode esquecer que também em África, na América Latina e na América do Norte encontramos escritores que se debruçaram sobre o profetismo. Da fé deriva a teologia libertadora.

Um profeta pode ser considerado de muitas maneiras como demonstram os casos de Gandhi, Martin Luther-King, abbé Pierre, Mons. Romero, São João XXIII, o Irmão Roger de Taizé. O já referido A. Vauchez, também director do livro “L’Intuition prophétique, enjeu pour aujourd’hui” (Paris 2011), alarga de forma clara e incisiva o tema que desde inícios do séc. XX autores como Max Weber (1864-1920) estudaram acuradamente.

Na perspectiva cristã de índole linear: criação, encarnação e redenção, fim dos tempos, o profeta revela o sentido da história como bem salientou J. Fiori: «o profeta é como uma lâmpada que ilumina o caminho que falta percorrer».

Partindo da ilha da Utopia de Tomás More é possível rasgar outros caminhos que se enquadram na temática religiosa, tão abundante de perspectivas que se entrelaçam com a actualidade, hoje tornada globalizada, a cujos sinais é imperioso atender. Mormente no Ano Jubilar da Misericórdia que apela a uma grande abertura e compreensão de tantas realidades que aguardam adequadas respostas.



A Catequese e as pessoas com deficiência (2)

Ana Faria

“Procurei o Senhor e Ele atendeu-me libertou-me de toda ansiedade. Este pobre clamou e o Senhor o ouviu, salvou-o de todas as angústias” (Sl 33)

Vimos no mês passado que o Senhor chama todos para o banquete e a **todos** acolhe sem fazer acepção de pessoas (Lc. 14,15-24); assim também, as nossas catequese paroquiais devem abrir-se ao acolhimento de todos, incluindo as crianças e jovens portadores de deficiência, nomeadamente de deficiência mental. Como prepará-los para os admitir aos sacramentos?

Em Março de 1993, os Bispos do Centro (Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria-Fátima, Portalegre-Castelo Branco e Viseu) fizeram em conjunto um documento com orientações pastorais **“Sacramentos de Iniciação Cristã e Pessoas com Deficiências Psíquicas Graves”** (1993, O.P.B.C.). Nesse documento chamam a atenção para que *“a pessoa com deficiência psíquica grave é uma pessoa humana, (...) com a dignidade que lhe é própria. (...) e com “direitos inatos, sagrados e invioláveis”¹; mas “não há deficientes em abstracto, mas sim ... pessoas concretas”, (I.2) e por isso há que adaptar as nossas catequese a cada uma das situações: “É necessário encontrar métodos adequados de catequese para conseguir a participação das pessoas com deficiência e a sua inserção na vida eclesial, quer no culto, quer noutras manifestações religiosas, de modo a torná-las membros de pleno direito na respectiva comunidade cristã”* (SEV, 1981, 16)

Para as pessoas com deficiência mental grave vale o princípio da Fé da Igreja na qual são baptizadas, princípio que também é válido para a recepção dos outros Sacramentos (1993, O.P.B.C., II,2).

Na verdade, diz-nos o Papa Francisco na Bula **“O rosto da Misericórdia”** que *“(...) todos, sem excluir ninguém, estão chamados a acolher o apelo à misericórdia”* (M.V. 18). Para que isso aconteça há que *“estudar, continuar a aplicar, e dando-se o caso, rever métodos adequados de catequese para os deficientes, e seguir a participação e a inserção destes nas actividades culturais e nas manifestações religiosas, de maneira que tornem tais*

sujeitos — que possuem título certo para uma apropriada formação espiritual e moral — membros de pleno direito das várias comunidades cristãs”. (SEV, 1981, 16.)

A Conferência Episcopal Portuguesa fez também um documento **“Recomendações sobre a pessoa com deficiência”** em que diz claramente no capítulo dos *«Direitos e Deveres da Pessoa com Deficiência»*, que ela *“possui os mesmos direitos fundamentais de qualquer outra pessoa”* por isso *“não pode ser recusado o direito à vida, à diferença e a expressão de si”*. Mas todo o sujeito de direitos é igualmente sujeito de deveres; a referida nota salienta que *“é pelo exercício dos direitos e pelo cumprimento dos deveres que a pessoa com deficiência poderá fortalecer a sua auto-estima, promover a sua autonomia social e económica, libertando-se do assistencialismo que inferioriza e degrada”*. (Maio de 2003).

O Movimento Fé e Luz, que integra pessoas com deficiência intelectual e suas famílias, está comemorar os 40 anos de implantação em Portugal, e em entrevistas à Agência Ecclesia explicitava que: *“O mais importante é acolher o outro como uma pessoa e uma pessoa importante”* (J. Vannier). E por outro lado *“A deficiência é uma questão de direitos que não estão ... garantidos. Na educação, e em todas as esferas da sociedade, ao não se nomear o problema não se garantem os problemas que as pessoas têm. Não se faz o que se chamou de discriminação positiva que permite a participação e o reconhecimento”*. Também *“no contexto eclesial (...) “a invisibilidade das pessoas com deficiência” é muito marcante na Igreja portuguesa”* (Agência Ecclesia, entrevistas de 13 e 19 de Fevereiro de 2016).

Saibamos nas nossas catequese paroquiais acolher e encaminhar todas as crianças e jovens, ajudando-os a descobrir a alegria do encontro com Jesus, na medida do seu desenvolvimento e das suas capacidades.

¹ Documento da Secretariado do Estado do Vaticano (SEV)- Ano Internacional do Deficiente, 1981,§1.

In www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19810304_doc-handicap_po.html



JORNADAS QUARESMAIS
D. António Couto, Bispo de Lamego, reflete sobre “O Deus da misericórdia na Bíblia”
Igreja de S. José, 17 de março, 21h15

Última



DESDE ROMA

NA INICIATIVA “24 HORAS PARA O SENHOR”

Papa alerta para ilusões de sucesso, lucro ou poder

O Papa participou ativamente na iniciativa que ele propôs a toda a Igreja – ‘24 horas para o Senhor’, – confessando-se antes de confessar ele próprio alguns fiéis que se encontravam na Basílica de São Pedro, durante o ‘rito para a reconciliação dos mais penitentes’.

Na homilia da celebração, o Papa disse que é “errado” pensar que “a vida depende do que se possui, do sucesso ou do aplau-

so que se recebe” ou que “a economia é feita apenas de lucro e consumo”.

O Papa deixou votos de que cada pessoa encontre no confessorário “um pai, encontre um pai que o espera, que encontre o Pai que perdoa”.

“Este Jubileu da Misericórdia é tempo favorável para acolher a presença de Deus, experimentar o seu amor e voltar a Ele de todo o coração”, afirmou.

“O nosso ministério é o mi-



nistério do acompanhamento, de modo que o encontro com o Senhor seja pessoal, íntimo, e o coração possa, com sinceridade

e sem medo, abrir-se ao Salvador. Não esqueçamos jamais: o único que age em cada pessoa é Deus”, prosseguiu.

ACADEMIA PONTIFÍCIA PARA A VIDA

Não mascarar esplêndidos vícios em nome da virtude

Num encontro com os membros da Academia Pontifícia da Vida, o Papa alertou para o risco de sobrepor interesses económicos à defesa da vida humana, transformando o “mal em bem”.

“A cultura contemporânea conserva as premissas para afirmar que o homem, quaisquer que sejam as suas condições de vida, é um valor a proteger, mas é muitas vezes vítima de incertezas morais, que não permitem a defesa

da vida de forma eficaz”, afirmou Francisco.

Segundo o Papa, há muitas situações em que se “mascaram ‘esplêndidos vícios’ em nome das virtudes”. “Há muitas estruturas mais preocupadas com o interesse económico do que com o bem comum”, lamentou.

Nesse sentido, voltou a criticar o que denomina como “colonizações ideológicas”, que surgem aos olhos do pensamento humano e do cristão como “modernidade,

atitudes novas” mas acabam por “tirar a liberdade ideológica” por medo da realidade. Esta atitude de “coração endurecido”, acrescentou Francisco, tem “graves consequências” para a vida social, levando mesmo a “cometer violências”.

“Tal condição não se pode mudar nem por força de teorias nem por efeito de reformas sociais ou políticas, só a obra do Espírito Santo pode reformar o nosso coração, se nós colaborarmos”, observou.

O Papa realçou que não faltam “conhecimentos científicos” e “instrumentos técnicos” para apoiar a vida humana nos seus momentos de maior fragilidade, faltando, no entanto, “a humanidade”.

EMANUEL GONZÁLEZ E ISABEL DA TRINDADE

Novos Santos

O Papa autorizou recentemente a publicação de decretos relativos a milagres atribuídos à intercessão de Emanuel González e Isabel da Trindade, beatos de Espanha e de França.

D. Emanuel González García (1877-1940), antigo bispo de Palença, é o fundador da União Eucarística Reparadora e da Congregação das Irmãs Missionárias Eucarísticas de Nazaré, tendo vivido durante o “trágico período” da guerra civil em Espanha, recorda a Rádio Vaticano.

Isabel Catez (1880-1906), religiosa carmelita, morreu aos 26 anos, após um longo sofrimento causado pela Doença de Addison.

Além das duas canonizações, o Papa abriu caminho à beatificação da carmelita francesa Maria Eugénia do Menino Jesus (1894-1967) e à religiosa argentina Maria Antonia de São José (1730-1799).

JORNALISTAS CATÓLICOS EM CONGRESSO

Superar slogans e ideologias em favor da Pessoa

O secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pietro Parolin desafiou os jornalistas italianos a superarem slogans e ideologias e colocarem sempre a pessoa no centro das notícias.

Para o Cardeal Pietro Parolin, uma boa informação pode fazer

muito pela democracia: “Deem voz aos que não têm e estejam a serviço de todos os cidadãos” – disse ao participar no Congresso da União da Imprensa Católica Italiana.

No encontro, intitulado “Desafios do jornalismo nos tempos de Francisco”, o cardeal lembrou

que “as palavras nunca são neutras; orientam a compreensão e consequentemente, influenciam o nosso comportamento”.

“A mais nobre missão do jornalismo – prosseguiu – é dar voz a quem não a tem, porque a credibilidade se baseia na integridade, na confiança, na honestidade e na coerência do jornalista”.

Citando Bento XVI e Francisco, a respeito dos novos media, afirmou que “na era da Internet, a missão do jornalista não é chegar primeiro, mas chegar melhor”.



CRIADO PELOS JESUÍTAS PORTUGUESES

Click to Pray vai ser adotado pelo Vaticano

A Click to Pray, uma aplicação portuguesa de propostas de oração para dados móveis, vai ser adotada pelo Vaticano. O objetivo da Santa Sé é utilizar esta ferramenta para promover as intenções de oração do Papa em todo o mundo.

A Click to Pray foi criada pe-

los jesuítas portugueses como instrumento ao serviço do Apostolado de Oração, um ministério que existe há 150 anos e que divulga as intenções de oração mensais do Papa.

Esta plataforma presentes em aplicativos como em telemóveis, tablets ou computadores portá-

teis, disponibiliza propostas de oração simples e breves, para três momentos do dia, durante os 365 dias do ano. Apresenta também as intenções que o Papa Francisco confia mensalmente ao Apostolado de Oração e a todos os cristãos.

A finalidade é utilizar as novas tecnologias para levar a oração aos espaços quotidianos, enquadrá-la no ritmo de vida de cada um e, desta forma, criar uma atitude de disponibilidade para fazer aquilo que Deus pede a cada dia.

PALAVRA DO DIRECTOR

Ninguém deitou foguetes. Ao fim de mais um acto eleitoral, parece que todos ficaram resignados à sorte que os resultados deram a ver. Muitos se queixam, mas não se queixam a queixar) das condições de trabalho, dos custos, do trabalho por fazer, das reformas, do momento de ser o curso do rio, um curso para relativa, presença da pobreza, da cultura de uma prosperidade, um pouco de lufada da notícia, chegou a ser surpreendente, mas não é parvo. O mundo, é parvo, mas a experiência, a longo dos anos e dos anos, a cultura dos espíritos, a prudência e a talvez pudesse haver de ousadia. Mas a nossa cor, a leva-nos à conclusão, como diz o povo, o dia de amanhã”.

De qual... usa-me alguma p... fato de toda a arg...